

Para colocar na entrada no zoo-lógico

Alexandre Sá

“A formiguinha ficou presa na neve. Aflita pediu ao sol:

-Ó sol tu és tão forte derrete a neve que meu pé prende.

- Mais forte é a nuvem que me encobre.

-Ó nuvem tu és tão forte que encobres o sol que derrete a neve que meu pé prende.

-Mais forte é o vento que me espalha.

-Ó vento tu és tão forte que espalhas a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende.

-Mais forte é o muro que me abriga.

-Ó muro tu és tão forte que abrigas o vento que espalha a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende.

-Mais forte é o rato que me fura.

-Ó rato tu és tão forte que furas o muro que abriga o vento que espalha a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende.

-Mais forte é o gato que me come.

-Ó gato tu és tão forte que comes o rato que fura o muro que abriga o vento que espalha a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende.

-Mais forte é o pau que me bate.

-Ó pau tu és tão forte que bates no gato que come o rato que fura o muro que abriga o vento que espalha a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende.

-Mais forte é o lume que me queima.

-Ó lume tu és tão forte que queimas o pau que bate no gato que come o rato que fura o muro que abriga o vento que espalha a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende.

-Mais forte é a água que me apaga.

-Ó água tu és tão forte que apagas o lume que queima o pau que bate no gato que come o rato que fura o muro que abriga o vento que espalha a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende.

-Mais forte é o homem que me bebe.

-Ó homem tu és tão forte que bebes a água que apaga o lume que queima o pau que bate no gato que come o rato que fura o muro que abriga o vento que espalha a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende.

- Mais forte é a morte que me leva.

-Ó morte tu és tão forte que levas o homem que bebe a água que apaga o lume que queima o pau que

*bate no gato que come o rato que fura o muro que abriga o vento que espalha a nuvem que encobre o
sol que derrete a neve que meu pé prende.
- Sou tão forte que até a ti te levo."*

Hoje sonhei, ou melhor, acabei de sonhar que uma quantidade considerável de animais aceitou ir para a Universidade. A única exigência que fizeram era a de que jamais apagariam suas respectivas animalidades. No sonho, a última imagem que me restou de herança foi a de um quati (desses zombeteiros que encontramos com muita facilidade em florestas urbanas) que saía lépido e fagueiro da instituição, carregando uma pequena pastinha de couro em suas patas. A impressão que tive é que ele saía de lá sabendo que de fato, era fora daquele espaço que poderia vir a encontrar a urgência útil das coisas para que pudesse enfim, justificar a sua existência. Ele saía ligeiramente saltitante. Feliz por estar podendo sair.

Esta imagem última, única e solitária que levanta comigo terminou por me obrigar a escrever agora, antes que o sol nasça, antes que eu vá para o trabalho e antes que a memória cumpra seu devir inevitável de apagar por completo aquilo que lhe é mais precioso. Este resto de deliciosa imagem tão viva que, caso eu tenha sorte, me acompanhará ao longo do dia e durante a extensa semana em que participo como avaliador em um concurso público para professor. Longa e exaustiva semana que acontece ao mesmo tempo em que alguns protestos legítimos reivindicam condições justas para a manutenção da UERJ e para que consigamos sair de um abismo. De um despenhadeiro fruto da falência múltipla de órgãos de um Estado que parece agonizar diante do risco de poder fomentar alguma reflexão crítica (seja lá o quê isto for).

De fato, o sonho ali, aqui enquanto escrevo, parece pregar uma peça para que então eu desenvolva um dispositivo íntimo que ninguém jamais saberá: ver a presença possível de uma certa animalidade em todos os rostos que encontrarei pelo caminho. Ou melhor e mais grosseiramente, que eu consiga olhar através dos olhos com os quais esbarro e imediatamente, veja um animal em paralelo. E talvez, exatamente por isto, meus dias tornem-se menos pasteurizados e eu consiga de fato, me manter ainda, um pouco mais menino.

Além desta proposta política íntima que segredo, fiquei pensando como seria uma Universidade repleta de animais dos mais variados. Talvez uma das mais potentes

iluminações seja a possibilidade de eliminar completamente e sem sombra de dúvidas, a ironia, o estrelismo, a violência e a dissimulação. No reino animal da nossa possível Universidade, tais substantivos sujeitos certamente ficariam de fora. Não por uma regra ou uma ordem ou modulação comportamental. Eles seriam exonerados de seus cargos exatamente por não terem mais uma função contínua. Seriam depositados em algum arquivo morto e utilizados apenas quando necessários. Como seríamos todos animais, seu uso seria imprescindível apenas por uma demanda vital: a fome ou o fato de estarmos correndo risco de vida.

E então entraríamos no prédio acompanhados de todos os tipos de sons que vagarosamente e educadamente se espalhariam pelo hall dos elevadores numa fila infinita e bastante animada. Como animais não fazem uso de celulares, o tempo e a possibilidade de olhar o outro em sua excentricidade ou mesmo em sua pequenina presença seria maior. Haveriam líderes certamente, mas seus mandatos existiriam apenas para encaminhar a matilha para algum fim comum que fosse próspero. E o melhor: todos estariam investidos da responsabilidade de pensar e compor aquele espaço arquitetônico tão nebuloso para o bem em sua pluralidade democrática.

A individualidade solitária para os animais é fadada ao fracasso, mesmo para os mais silenciosos, mesmo para os mais violentos em suas caçadas, mesmo para aqueles que escolheram seu caminho Zaratustra de ver a vida de longe. Sendo assim, talvez a única regra que existisse, fosse a da convivência pacífica, elegante e minimamente respeitosa. E embora seja sempre complexo compreender a língua do outro (em seus rugidos, latidos e coaxares), ouviríamos e continuaríamos a nos preocupar com o ecossistema (alunos, servidores e toda a fauna/flora linda e livre das amarras que poderiam vir a ser criadas, se de fato, renegássemos o fato de sermos humanos; inclusive porque já haveríamos descoberto que fomos erigidos através da lógica da obsolescência programada).

Sairíamos então do elevador dando bom dia, boa tarde ou boa noite ao Seu Grilo, à Dona Onça, ao Seu Flamingo, ao Seu Camelo e a todos os presentes, passantes e à toda a comunidade. Exceto para os homens ávidos por pontuações, prêmios e condecorações. Estes seriam para sempre exilados em uma floresta de concreto bem longínqua para que pudessem se devorar quando a fome de poder lhes abater.

E os trabalhos acadêmicos? Seriam simples. Como uma pegada, como um sibilar, como uma mordida, como um índice e uma memória daquela animalidade que o gerou. A palavra seria usada e aprendida quando estritamente necessária. E como o corpo é todo olhos, seu uso seria praticamente museológico. De qualquer forma, todos os trâmites necessários seriam mantidos para o bom funcionamento da nossa universidade-animal. Como as bolsas para os alunos e as revistas acadêmicas. Com estas, não haveria tanta esquizofrenia (já que os animais não sofrem disso) em pontuar, em tantas regras e em toda a sua clausura. Publicariam o que fosse urgente. Necessário. De qualquer voz. De qualquer canto e de qualquer instituição. Como não compreenderiam a lógica da endogenia, pois para eles o universo não-burocrático é um só (global), mesmo os editores poderiam vir a colocar sua pata de elefante em um terreno coberto com cimento fresco. E assim as imagens-palavras-fábulas seriam lidas. E caso ninguém entendesse nada, o único dispositivo construído pelos homens antes de terem sido exilados seria ativado: a interconexão dos umbigos de todos os animais em seus sonhos inevitáveis.